

Oficina de Poesia
Coimbra 2001



お車(又はエンジンの)取扱説明書に使い火花キャップを調整の上お取換えください。プラグの取付けは指先で取付座に当るまでねじ込んでからアラクレンチで $\frac{1}{8}$ インチ(2.5mm)回転補正してください。

Adjust spark plug gap to poetry makers' specifications. Tighten the spark plug with finger first, then screw about $\frac{1}{8}$ (Conical-seat plugs-about $\frac{1}{8}$) turn more with plug wrench.

2001



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado

REVISTA CRÍTICA
de
CLASSICAS SOCIAS
BIBLIOTECA

DE POESIA

5

REVISTA
CRÍTICA

de registro

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - 2001

DATA	REQUISITANTE - NOME	DATA ENT.
1/1		1/1
1/1		1/1
1/1		1/1

Maio de 2001



1979-2001
Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado



1 / 1		1 / 1
1 / 1		1 / 1
1 / 1		1 / 1
Data entr.	REQUISITANTE - NOME	Data req.

Titulo Oficina de Poesia, n.º 5 (Maio de 2001)

Autor

n.º de registo

Revista Critica
de
Ciencias Sociais
Biblioteca

ficha de
requisitacio

OFICINA DE POESIA[✓]

5

Maio de 2001



17/02/2003
Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado

il. iud.



Ficha Técnica:

Título: Oficina de Poesia, # 5

Coordenação: Graça Capinha

Edição: Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Apoios: Centro de Estudos Sociais

Composição: Elsa Santos

Capa e contracapa: Filipe Cravo

Impressão: Secção de Textos da Faculdade de Letras

Tiragem: 200 exemplares



Democracia, onde estavas
Durante todos estes séculos
Eu? Sempre aqui mesmo
Não me mintas
Eu ando à tua procura
A que tempos
E nunca te vi aqui
E porque, vocês Homens
Têm outras preocupações
Malaram eu, roubaram os meus
Enfim, fazam-me um favor
É verdade?
Tanta toda a razão
Mesmo quando eu sou igual
Um simples cidadão
Adoava pra lá e pra cá
Ainda bem que reconheces
A Democracia, vem até nós
E dá-nos a tua salvação
Não, nem pensar
Vocês homens é que devem
Vá até mim
E abraçar-me na minha plenitude
Oh Democracia, quão exigente és tu
São as leis que eu imponho
E tens de cumprir-me
Integralmente
Ai meu Deus
Como vou ser igual
Ao meu próximo
Que é diferente de mim?
Temo que o Demo
Não goste disso!

Quando se tem poder
Nada mais tem importância
A única coisa que conta
É o dinheiro
Os interesses em jogo
São por demais elevados
É ninguém, por mais poderoso
Que não pode dar-se
Ao luxo de fazer a diferença
Pelas pobres, pelas miseráveis
Ah, maldecida vida
Quão injusta sou para contigo
Pode enriquecer-me
Que farei?
Apenas sofrer, sofrer e morrer



Alberto Sança

Quando se tem poder
Nada mais tem importância
A única coisa que conta
É o dinheiro
Os interesses em jogo
São por demais elevados
E ninguém, por mais bondoso
Que seja, pode dar-se
Ao luxo da riqueza distribuir
Pelos pobres, pelos miseráveis
Ah, madrasta vida
Quão injusta foste para comigo
Pobre engendraste-me
Que farei?
Apenas sofrer, sofrer e morrer

Ficha Técnica:

Título: Oficina de Poemas, # 3

Coordenação: Úrsula Coimbra

Edição: Conselho Diretivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Área: Curso de Estudos Sociais

Responsável: Ana Santos

Capa e contracapa: Filipe Castro

Impressão: Serviços de Trabalho da Faculdade de Letras

Tratamento de imagens:

Democracia, onde estavas
Durante todos esse séculos
Eu? Sempre aqui mesmo
Não me mintas
Eu ando a tua procura
A que tempos
E nunca te vi aqui
É porque, vocês Homens
Tinham outras preocupações
Matarem-se, roubarem-se, violarem-se
Enfim, fazerem mal uns aos outros
É verdade!!!
Tens toda a razão
Mesmo quando eu era ainda
Um simples primata
Adorava praticar esses actos
Ainda bem que reconheces
Ai Democracia, vem até nós
E dá-nos a tua salvação
Não, nem pensar
Vocês homens é que devem
Vir até mim
E abraçar-me na minha plenitude
Oh Democracia, quão exigente és tu
São as leis que eu imponho
E tens de cumpri-la
Integralmente
Ai meu Deus
Como vou ser igual
Ao meu próximo
Que é diferente de mim?
Temo que o Demo
Não goste disso!



Alcina Marques de Almeida

Inventar águas nocturnas,
luz escarlate de velhos candeeiros.
Imagens obscenas, contentores cheios de sobras
do dia.

Self-service até às duas da manhã.
Aquele prédio do século dezoito assassinado
com janelas de alumínio.
Amanhã haverá eleições,
não importa, eles são todos iguais.
Paredes de pergaminho cicatrizes de anúncios.
Seres abjectos que são pessoas humanas.

Um turvo rasto vai abrir caminho
entre saibro.
Morrer, ressuscitar todas as noites.

Dançar com os pés na escuridão,
corpo no vento, concha fechada na boca
soprando madrugadas.
Dançar entre radiações alheias aos sentidos,
cabeça inclinada sobre a sinfonia das vísceras.

Passar a ponte exacta
sem proa de navio na dobra do lençol.
Andar, andar, até doer.
Um filme com temas teológicos.
Insónias até amanhecer cinzento
sem encontro marcado.

Beber um café, sem jornal,
Memória alagada em saliva.

Um tocador de flauta a despropósito,
um bom-dia de alguém que não se vê.

Não se grita em lugares públicos.
Movem-se as espáduas dobram-se as mãos,
cada um respira o seu poder oculto.
Orquídeas nos cabelos.
Alguns tocam em Deus com os dedos queimados.
A roupa transmite a força ao corpo,
o corpo transmite a força à roupa.
O coração borbulha imparável
desde o princípio do tempo.
Os arbustos de ar cresceram acima das cabeças
e cegaram com o sol.
Ondula o fogo nos corpos,
o lume devora a Razão.
A visão turva com o peso do tempo,
desata-se o nó da boca,
já não trava a força das palavras.
O braço levantado em tumulto,
a veia repartida em inúmeras.
A pedra emerge da água,
todas as franjas estremecem.
Depois, apenas um ruído de besouros,
como se um vácuo engolisse as vozes,
um vinho se derramasse sobre os ombros.

Ninguém sabe ao certo por que tudo aconteceu.



Ana Braz

na lareira adormecida
quando te pões a pensar
os pés escutam as ondas
em sermões intercalados

a imponente presença do abismo da espera
ressuscitado
para se afundar no vazado da distância

A cinza das horas
nas páginas de um livro aberto ao sol,
exposto às intempéries do segredo mais guardado
que o universo não revela e que a nossa intransigência
teima em descobrir

Os olhos não vêem, apenas reflectem
a desconexão das costuras da pele

Não te lembres da quase aparente ficção
da lua ao Domingo, deitada na parede,
agachada perante as pedras molhadas.

O navegante percorre as ondas numa vertigem insustentável
do colo cadente feito quase pó

O fuso, agora, está solto

Sempre o mesmo sol a abafar o latejar das serpentes
e o mesmo vento a arrastar os sentidos para lugar nenhum



Anastácio Caraça


Mensagem numa garrafa

cocktail molotov

destruição criação

fotografia

Relógios de pontas partidas
Linhas esgotadas
Por saivras vazias
Flores de cores berrantes
luz do sol
nu(ma) redoma de vidro
sobre a tábua do queijo
navalha penetrante
na goela das ideias
Cristais partilhados
Escolha de pratos
Queiro os cárceres
E trado à Luz
Bato nos cartos
O queiro seduz
Perco vocábulos
Escrevo o branco
Tiro os problemas
São os problemas
A gente orientada
É feita de pedras de vidro
O ritmo febril
Legislação varia-se, às vezes contra-se...
A boca creta
Lá dentro a órdama
Mas os mentos continuam a governar
Fotografados



Andreia Rafael

A_Teia

Nunca mais se cala...

O modelo de inspiração aristotélica

I KANT DO THIS!

O reino dos princípios acaba

Venham as virtudes.

Um projecto...

Valores: Uma lata de coca- cola em troca de uma virtude

Tantos meninos

Tantos tiques

Tudo se foi, mas para onde?

Ambições, um mosaico

Plataforma de entendimento

Os ladrões têm!...

Ilusão da inquisição: Queimar para acabar

Mas os problemas permanecem

Não são só convicção.

O apelo

O nicho fechado

Legislação varia-se, às vezes compra-se...

A boca cheia

Lá dentro a cidadania.

Mas os meninos continuam ingovernáveis

Fragmentados.

Relógios de pontas paradas
Linhas esgotadas
Por palavras vazias
Flores de cores berrantes
E olhares indiferentes
E noites tão frias.
Esqueço a magia das notas
E rasgo as pautas
E rolo na areia...
Penso seixos lapidados
Cristais partilhados
Escolha de plateias.
Quebro os cárceres
E brindo à Luz
Bebo dos cactos
O deserto seduz.
Perco vocábulos,
Escrevo o branco.
Brinco com pássaros,
Tiro os pregos da cruz.
Salto as pontes e os montes...
A gente encantada
É feita de pedaços de nada.



Carla Branha

Procurei por todos os portos
Em todos os corpos do cais.
Ainda nas tabernas desses cais
No fundo dos copos de vidro grosso,
Numa última gota de esperança.

Perguntei pelo nome a todas as bocas
E só no eco o achei.
Procurei também em todos os olhares
E em todos os dialectos e falares,
Mas me disseram que os barcos que jazem aqui
Já foram de outros sítios
E que há que dar vento à vela.

Percorri toda a infinidade de um grão de areia,
E das ruas, as pedras todas da calçada.
Depois, ... soube que moras no silêncio.

O apelo

O nicho fechado

Legislação varia-se de vez em quando...

+ boca cheia

Lá dentro é solidão

Quando mentes continuam ignorantes

Porque não se

Não quero o molengar solarengo dos trópicos
Nem na carne sentir o cio das noites de ócio
- noites mal dormidas –
Antes quero a aridez de uma grande rocha fria e encrespada,
E montanhas cujo cume se perca no meio das nuvens.



Carla Vaz

TERRA FRIA

A terra fria é triste.
É o sol quando brilha
que a enche de resplendor
e a envolve num manto de luz
que a cobre e contrasta
com as roupagens alvas da montanha.

Celebram-se a vida
o nascimento e a morte.
Festeja-se a paz
com alicerces fundada
na terra escura e áspera
da Serra.

Vêm-se caras conhecidas
esquecidas.
Os sorrisos rasgam os rostos
e os dentes reluzem dentro da boca
qual candeia acesa à porta de casa
a dar sinal da gente que a habita.

Tudo é triste, fria é a terra.
E a tristeza não é mais
do que a gente esquecida
e as faces de pedra
e uma casa sozinha
sem a candeia acesa.

MEMÓRIAS

Da fonte do meu corpo febril
mana um suco amargo.
As memórias da infância espreitam
à porta da casa onde moro.

Junto à fonte vive um parque.
Os baloiços recuam e avançam
as crianças não se cansam de baloiçar.

Na rua
os cães ladram aos meninos.
Jogam à macaca, à bola, ao fugitivo.
Por entre os buracos verdes da rede
vejo-os
correr, rir e brincar.

No centro do parque
alcatifado de pedrinhas de areia
navega um lago artificial
berço de água e peixes reais.
Debruço-me para os espreitar.
As recordações da idade de ouro
flutuam à tona.
O homem, em frente ao parque
acena àquela menina
que não pára de baloiçar.



Carmela Umbro

GRAMÁTICA “SGRAMMATICATA”: NÚMEROS PESSOAS

Na sua existência o meu ser pode-se conjugar

Nas pessoas de: eu/ tu/ ela/ ele/ nos/ vos/ elas/ eles.

Números, pronomes pessoais

Que parecem guardar segredos

De abundância e multiplicidade.

Comunidade individual: delimitação e multidão.

Sociedade pessoal, talvez.

Dissonâncias harmónicas onde existe um discurso para tudo.

Ecos redundantes e palavrosos, quase como peças,

No teatro íntimo do ser: palcoscénico oco e dialogante...onde brotam prosas e

Poesias, frases e palavras em contínua metamorfose.

Fragmentos de unidade, plenitude despedaçada.

Espelho de elementos separados todos em conjunto:

Sintaxe do período existencial.

ESTRANHAMENTO

Preciso por cobiça infantil de palavras e poesia.

Não soube resistir ao seguinte verso do Dante:

“Guido io vorrei que tu Lapo ed io fossimo presi per incantamento e messi in un vasel ch’ad ogne vento per mare andasse al voler vostro e mio.”

Remoinho de versos queridos a rodar pelo espaço infinito da memória.

Encantamento mágico da sequência poética, que rapta os sentidos.

Palavras leves que voam como plumas e ficam azuis e indeléveis na *casa del Ricordo*, Inquilinos clandestinos, fogem se procurados aparecem se inesperados.

Faíscas duma poção mágica, saborosa, alquímica entre vazio e matéria.

Fuga além dos limites.....Ai! que saudades de Ulisses e do seu nome *Nessuno*.

Ninguém está nas dinâmicas poéticas e inconscientes dos opostos.....mas tudo existe em virtude da atracção pelo Desconhecido.



Cláudia Morais

Nada

vestígios de fetos

inesperados

mal-esperados

inacabados

até ao suor interno dos

teus ossos!

fechado <---> aberto

esmagado entre

2 verdades do mesmo

indeterminado

_____ sangue

quente a

gelar

constante: água

estagnada nas cordas da garganta

a verdade do absurdo

o absurdo das coisas

certas que

passam em notas de rodapé

na testa de gárgulas

pelos olhos do Jack

convenientemente atadas

em aglutinados prontos a consumir

A poesia _____

pode ser rigorosa

temos pontos

finais a separar palavras, tentamos não

dar erros

um é igual a 1: um dogma

religiosamente na gaveta da

ciência no meio

universos paralelos

1=2

podemos ser 2 ou mais, mas há sempre

universos paralelos

há fachadas que sorriem no gesto de acabar - pode

ser outra coisa

0/ Agora. Vamoç dizer-nos: Eu/Tu/Ela/Nós/Vós/Elas

As coisificações de fora

a física suja serve-nos, o Universo continua

a funcionar sem

o bisturi

com um brilhinho nos olhos seguramo-lo para

a lobotomia

início da desconstrução



Cláudia Pinto

Man_ifeito poético

Porque o projecto estilicista vigente promete diversas falhas e conta diversas fábulas,
porque o regime apropriada a luta, proponho

a autogestão dos sentidos, o cooperativismo significante, o protesto da demorada
exigência dos nervos aceites como nulos. Contesto.

A liberdade da expressão supra emotivista, supra infra extra humanista exo infra
existencialista.

o Ardor. vencerá. unido. a todo o mundo. já.

auto(no)matário.

O autor_itarismo será derrubado pelas vozes invisíveis

explo sadas

(as mãos serão sempre mãos e não mais punho depois do primeiro golpe na mesa
da fragilidade.)

Acrílico

em deus

pai todo

poderoso

criado do seu e da terra

por todas as coisas

visíveis e divisíveis.



daniel matos

ao tiago prata

abre, o lodo, a mão,
que destrói:
com música: a marca onde deita
o fogo,
a fonte. devora,
não só a pálpebra de água defronte
das veias. nas lanças
que o vento sacode, imóveis.
cinzel
nas cabeças em sangue, só.
lapida
o ouro entre a água cerâmica das corolas.
faz a massa.
vibra,
ao movimento ondulatório, louco,
nas formas
em como a pulsação
bate
do fluxo na enchente por combinações
desabridas,
fundas, das matérias:
os vasos
eólicos em por onde corre
o ouro, dos crivos que levantam visíveis
os rostos
à esfera entre as mãos.
e no quebrar
a transpiração dos ímans por instinto
– a pálpebra sopra
junto

ao lume que respira no ar que a move
à armadura farpada de dentro
nos escudos – ,
a respiração
enxuta que os braços arrancam de dentro,
coando,
junto com as vozes: cinzas:
fogo,
essa secreta e grave mistura de graça –
como que, por encantamento,
do movimento
ensanguentado da raiz, selo
a selo, na nuvem escorrida aos braços,
no turbilhão de um tempo tão antigo
ao fundo alagado ao fumo
que o fumo estende
pela raiz –
que o vento espalha: à força
das substâncias arrumadas, substâncias
metais. quentes. colas,
tesouras
papéis: a matéria que caldeia, e por que o mel
vasa
e lavra entre o círculo puro
de desmanche
na luz.
: a talha alta,
altíssima: vivíssima: lavra. da face total
na violência abrupta,
cheia
ao mármore. o rosto imóvel pela água
aberta, como que
voltada – ao ronco apertado da primavera
que senta,
sem braços,
entre os escudos abertos
ao fogo



– , *nos pincéis*
riscados: a violência,
a que devora, frenéticas, cabeças
baixas cabeças
altas, baixíssimas, cabeças giratórias
suadas,
piscando. em torno: de música
.da música
cheia, música
violenta, a música
de fora entrando da maquinaria estrelar
até à doce e quente ondulação
dos escudos
na extracção extrema dos frutos
que amanhã, a mão
que lhe dá a forma. a devastação
como que pelas mandíbulas frias, como
que à tanta visão de crueza, como.
o brilho
da espada que levanta ao peito em amamento
nas cabeças
suadas
do movimento da solda entre a louca
e doce
cintilação pura. como se entre
o repentino clarão bélico –
e o rasgo incandescente
dum furo
pelo tremor
externo – dum rebentamento de faúlhas,
o ronco
nas linhas púrpuras, como que dele
voadoras,
como que à tanta intensidade, tanto clarão
súbito no fundo,
como. a mão
ensanguentada – na chaga

– que abre e nela a volta de vento como que,
num sopro súbito,
ardente,
na pauta dobrada que, de lado
a lado, abre
e espalha,
uma ferida, só.



daniel matos

a mão louca, a mãe
que irradia – nos arcos do fémur, no movimento, lento,
da respiração haurida
entre as matérias – dos braços enredados pelo peso
atômico. ata
e enche,
no nó de ar atado no arco das mãos. a lua
tapada
por um raio de ouro armado
à pauta que entrança,
nos cornos ao colo, pela curva tensa: enche um balão,
ata-o:
com música. a criança
recolhe: os sinais folheados às mãos estendidas
nos frutos à roda
da terra.
a imagem que trilha
de revés na água que entoa,
e vaza:
que a bomba levanta
da força trémula aos braços:
os frutos electrocutados, como que, por choques
caloríficos,
por fios:
as cordas pesadas:
a boca
que abre ao rasgo súbito na respiração.
e não só o fluxo – na água
que descerra do colo afundado – e o sangue, e o ar
que ecoa
sobre o movimento baixo,
nem só a volta doce, na língua,
nem a pálpebra, lenta, baixa – da miragem

que a água infunde de dentro das bolsas
à pedra que rola, alta
– . e nem a luz
gradeada – aos astros atados nos ares, directos ao pino
que varam entre as pestanas
abertas – que ao sono estremece. mas a mão, súb(d)ita, a mão
que move, e entra



emiliana cruz

a par(t)ir de daniel matos e Bob Perelman

descubro a seiva de
ao redor dos ombros de
entre as pernas que se tocam
os dedos que se revolvem e
volto o
fuso. temperatura densa de
substância acesa e
ramos de botão e
volto ao redor de
descubro o corpo do som que se move por
entre as fendas de
matéria oculta em
salivas esboçadas em
avessos do fogo seival que se expande por entre o corpo

Pensei que por vezes o espelho
 com capota embacia
 espontânea em Portugal, e também
 te podiam por vezes o espelho
 Suceda que parte-
 cromofita. se o sal já não souber a sal
 Grandes problemas.
 Notei tanta por vezes as formigas
 E não com na língua
 Sou um fal mas sempre
 Ainda assim, trouxe um brocado de margaridas.
 pensei que é necessário electrochoques
 no remoinho de
 ondas paralelas
 que se fundem
 ao fundo do cano

 por vezes aquele som reconhecível
 na pura abstracção
 dos dados
 por vezes

 por vezes a reflexão
 do medo
 que se contagia num
 refluxo permanente pela
 ordem do dia
 por vezes à noite

 por vezes construo mundos
 pacotes de paisagens
 que é bom tragar de imediato
 pelas pupilas



gustativas
ao redor da retina
que se aglutina
em rodas que se separam

por vezes
a perna colada
ao dedo
a imiscuir-se
na carne
cala o outro
estático

por vezes o sangue
em remoinho
come-me a saliva

por vezes a solidão por entre os dentes
remoinhados
nas bocas
no espaço do
outro

por vezes o espaço (in)tragado
de convulsões
entre as folhas que se fecham

por vezes o silêncio que nos encontra
ao largo do remoinho
a escorrer pela dança das retinas

Pensei que aquelas plantas da família das Compostas,
com capítulos de flores liguladas, brancas,
espontâneas em Portugal, e também conhecidas por boninas e bem-me-quer
te podiam animar.

Sucedo que a superfície de terra que piso não pára, e descobri agora que sofro de
cromofilia.

Grandes problemas.

Notei também que sou portador de um vírus egoísta de tamanho maior que o ordinário.

E não consigo abstrair-me das fronteiras, e o meu país é sempre o mais importante.

Sou um falso careca. Talvez mesmo tosco e fastidioso.

Ainda assim, trouxe um braçado de margaridas,

pensei que te podiam animar.



Filipe Cravo

Queria poder estoirar em muitos sítios ou mesmo por todo o lado
como fogo de artifício em passagens de ano.
Queria poder estoirar para sentir o alívio ou mesmo alívio nenhum.
Estoirar. Explodir. Rebentar também serve.
Algo que me espalhe bem espalhado.
Algo que deixe as peças tão longe umas das outras,
que me seja impossível juntá-las enquanto viver.
Acho que não peço demais: um milagre.
Se já choraram sangue de pombas os santos,
se já viram Maria sentada nas oliveiras,
por que raio será que não estoiro?

“Enquanto o silêncio durar”

No centro dócil da espera
catedrais sangram os olhos que mordem o sossego.
E o azeite e o vinho derreteram
a semente nos casulos doirados, que
as árvores talharam.
O corpo, devoram-no os metais incendiados
na dança dos pulmões, que crianças
renunciaram no eclipse.
Talvez no mármore calcificado de promessas
o horto se purifique, procurando na candura
da luz, o puro tacto dos sons.
E o homem rasga o sopro, lapidado na
saliva das unhas, onde pássaros voam pelos dedos
curvados no rosto das acácias.
No sal deste choro, o aprendiz secreto
de sonhos e luz.
Nestas vidraças de ver passar
as palavras, desde o pó que se sacode,
aceito o silêncio como um amante.



João Rasteiro

“Estações do ano oculto”

Ele tem uma espada na boca
com a qual apascenta as feras,
nas suas mãos de búzio
vou comendo os juízos e os labirintos
para além do espaço e do momento,
onde a porta está parada entre a tempestade.

*

Afugentando as moscas com o eco,
o corpo adiado à soleira dos dias
de tanto comer os bagos de oiro da romã
faz irrigar a rocha e florir o coração deserto
num corpo que já não é seu.

*

É a claridade que de súbito palpa a memória,
desde a própria eternidade
até à tarde atrás da madrugada,
em socos de madeira que cansam os músculos
vivos agora, na voz que a madrugada envia.

*

Tudo o que um condenado precisa
quando descobrir agora, que é atrás da linha
a inclinação das rosas contra os dedos,
o silêncio onde os punhais foram nascendo
o deserto onde os pulmões murmuram o último crime,
é tocar as suas mãos no escuro, nas lembranças, nos cabelos,
nas palavras, numa espécie de mecânica solar
onde tudo é um triângulo vazio
e um silêncio que desejo apressar.

Nas horas em que o vento
chora
lá fora
tu
aqui, esperas
por alguém que te ouça
por algo que pareça.
Mas não vem e não é
a presença
que te acompanha
a distância
que te embala.
São os gritos das mães que
te perderam,
são as palavras
que não ouviste,
são os segundos que não sentiste.
E foste tu,
e foram outros
que depois de ti,
chegaram e tomaram,
beberam do cálice
do teu ser.
E te sonharam
nos dias que não queriam
saber.
Porque não sabias,
porque não havia,
e não tinhas dentro de ti
a morada dos instantes
o crescer dos teus tormentos.
Deixas-te junto de ti,
abraças-te ao que ainda és,



mas já não sabes,
ainda não podes,
o dia ainda vem longe
e o vento ainda chora lá fora.

"O Medo"

O Medo,
afaga-nos a paixão,
e leva-nos o perdão,
das noites,
sem sono,
dos dias,
sem dono.

O Medo,
que temos,
que somos,
deixa-nos ser,
e lava-nos,
deixa de ver,
e come-nos,
por si,
por mim.

A Dor,
que traz,
o tempo,
que perfaz,
o que ficou,
para trás,
só são,
Medos,
de outros,
de Medos.

Este acreditar,
avança,
sem esperança,
esta dor,
que alcança,



este perdoar,
que aterroriza,
o Medo,
o voar,
o segredo,
sem saber,
que a Dor
sempre vem,
sem teres,
que pagar,
sem querer,
sem falar.
Este segundo,
que já passou,
que o Medo,
já levou,
será nele,
que viverás,
será sem ele,
que temerás,
o Medo.

A MORTE DA MÃE

Suas palavras eram os sussurros da morte
num caminho branco bordado de verde
batido pelo vento.

O Filho procurava dar-lhe o sopro da vida,
mas o céu, onde ninguém estava,
só lhe respondia, com trovoadas.

Mas na Terra, havia outra melodia,
como o canto da cotovia,
mais o vento a pentear searas,
mais as flores de Primavera,
mais o crepitar das águas e do fogo,
mais o silvo do comboio -----
----- despedida em movimento
para uma alma quase parada.

Mas o rio só morre no mar-----
----- para depois renascer .

O Filho lamentava-se entre as árvores
que só elas compreendiam.



Jorge Andrade

EXERCÍCIO

ESCRITA AUTOMÁTICA

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE

UMA AVENTURA

ÀS QUATRO HORAS DA MANHÃ

SERÁ?!

A VIDA INTEIRA,

UMA CONQUISTA

EM ESPIRAL.

COMO SE APRESENTA

COM MISTÉRIO?!

ESTAREI ALCOÓLICO?!

ESTAREI DEMONÍACO?!

BOLAS ACABOU-SE A MATÉRIA.

QUE FAZER?!

PARA ESTA MERDA DE ESTILO?

PARA APERFEIÇOAR O ESTILO

DAS FORMAS COM TENTATIVAS?!

SEREI, ESTAREI A SER HONESTO?!

MARAVILHOSA LOUCURA.

O ORÁCULO DE DELFOS

- baseado numa crónica de Miguel Sousa Tavares

Houve um tempo
Maior o seu silêncio
A sua sujeição
O comportamento das audiências
I Ching
Voltaire em Freney
“ The salt of the earth “
Ou – a era do vazio
A plebe fala tão alto
Os outros, meros
Intelectuais despeitados - *sic*
Cordeiros que viraram lobos
O objecto de todas as conversas
O centro, o princípio e o fim
A teia de aranha, o pó sobre os móveis
A vitória do inanimado
Da entrofia (não apagar isto)
Somos animais ! – garantem-nos,
despeitados
A lógica de
aprendiz de feiticeiro
Ou já estás a preparar uma
Resposta ?
Nos enfrentam, nos interpelam, no invisível
Centro da legitimação
democrática
Qualquer sentido preferível à
falta de sentido



Considerem o exemplo de Von Trier
Católico, educado por pais *hippies*
Que permitiam o sexo mas não o prazer
Ou qualquer sentimento
A retaliação da moral de escravos
(falsamente) Emancipados
Receita :
 não deixar que estas coisas nos
 afectem
Ser
Intelectuais compeitados
Seguros, irónicos, cientistas
 e venenosos
Semear o nosso veneno
Como outros semeiam o
 seu
Na voragem dos acontecimentos
Da modernidade, dos legítimos
Interesses das populações locais “
e agora, emídio, arrasa as tuas
 tão queridas audiências
Arrasa esta distância entre nós
Esta imensa sede que nenhuma
 voragem
Poderá saciar, nenhuma voragem
Esta imensa distância,
 infinitamente
Anti-democrática
E que o Império do Mal se instale
Por mais mil anos
Recrucificaremos Cristo em
 horário nobre e em
Directo para o resto do mundo
(Pois a antinomia sentido-
 -ausência-de-sentido deixou de ser
 dilacerante)

Os Irmãos estão ocultos
E falam a linguagem dos Anjos
E dos Demónios.



Luís Fazenda

OS PESCADORES

Quando regresso do mar
Venho sempre estonteado
E cheio de luz que me trespassa
Então lançarei as minhas redes ao mar e tornar-me-ei
Pescador de homens
Pois o mundo que não existe
É o meu verdadeiro mundo.

O Domingo, indolente, arrastado
É uma entidade por direito próprio
Profilática, e convenientemente desdeificada
Uma preciosa inutilidade carregada de ócio e um
Imenso baldio povoado com todo
O cansaço de nós mesmos, perfeitamente
Imune aos restantes dias da semana
(E partir, finalmente
Soltando amarras)

A noite passada
Dois cães negros, enormes
Perseguiram-te
Através da cidade
E não havia ninguém que te pudesse ajudar.
Quando tentavas olhá-los nos olhos
Apenas uma estranha luz glacial, supra-lunar
E fria como a lâmina de uma espada
Te respondia, demonstrando a impossibilidade
De qualquer contacto.

E isso era a prova de que era já
Tempo de começares a pensar na tua vida
Isso era a prova de que era já
Mais do que tempo de começares a pensar
Nesse vazio abominável e afectado
A que chamavas vida....
Mas, de qualquer forma,
A manhã lá acabou por surgir, como sempre

E contemplar

As terras

Te foi dado.



Marisa Henriques

Página de diário confessionalista

Página de diário confessionalista.

Parte 1: O mar e a clausura

~~Não, recuso-me.~~

Parte 2: O ruído, por favor!

Silence is not.

Preciso de um algoritmo discursado.

Só a nudez completa (perante o competente auditório)

diante da boca de cena

validamente pudica e reveladora.

Que alguém se reveja

No fundo de vidro prateado

E toque insciente

Um pouco mais daquilo que vê!

Creia-se soterrado de semântica

Mas desprotegido e nu

qual Adão e Eva face ao pecado.

(Comum realidade inaceitável fora do manual de anatomia).

O vidro biombolou.

Basta de segredar.

Pausa: A campainha apalpa a vacuidade.

(há sempre meia lua de cara que revista qualquer visita.)

De novo ~~a chave na quente.~~

Não, corrijo: os teus lábios.

E os castelos de areia.

(É estranha qualquer acção desde que afastada do seu tempo de fama. Digo: anacrónica)

E agora um choro natural
no descerrar das comportas de água;
A mãe Terra a fecundar o prazer molhado.

Fingo, fingis...fixo.

Marisa Henriques

Definição de poesia

Falar de poesia.

Não, não me ocorre nada.

O ôntico os riscos a ideia

" Cosa mentale" diria eu

O desenho testemunha ocular

(Rabisco sempre ao lado)

A perspectiva constrói

Falsificação

Finura rudimentar

Revelação numa folha de papel com largueza.

E depois a presença

É gesto nítido de homens empreendedores

Com chapéu de coco ainda.

Teoria tradição conceptualização.

O drama insufla as colaterais.

Capítulo final: o que é que perguntou ?

A secreção da pele assim o pede e as palavras suam

(ou soam) marginais.

Espasmo finda e nada se disse .

O cliché escoá-se em reiterações pelo uso

Tal como a talha empobrece mais o infinito do vitral.

Fiquemo-nos pela nave principal então.

No rabisco portanto.

Na certeza de que a arte comporta um peso incompatível com a liberdade

de ser ateu de ter ideias atadas e de renunciar ao mundo quando ele é carrasco.

poética

restitui-se a forma num diminuto berço
 onde a palavra se elide desfolhando relâmpagos
 nas mãos. e as membranas sabedoria amor
 batendo nelas. colocam-se na combustão dos filhos
 invasores de poços.

com o navio de espelhos tudo cavalga
 vozes e ar pesado. nem a câmara escura transporta
 ócio, bola, cinema têm medo de dizer entre nós e as palavras
 gente de costas, ponteiros, crianças
 e escadas à espera, ilegíveis à boca.
 pedras, diamantes nunca escritos no amplexo do ar.
 os emparedados, o dever de falar numa hora certa, ouvem a sineta
 embora acreditem nele.

a indecorosa licenciosidade pregando partidas,
 coçando, retorcendo o facto
 a pactuar com os gatos burgueses.

enchesse as medidas atravessando-te a nado.
 proletária dos mares, do horizonte
 ao virar da esquina quando todo o esquecimento
 acasala noutra coisa informulada, cheia de espinhos como uma garganta
 com coisas vivas e mortas no espírito da obra. um peixe
 como um movimento rápido e severo.

seres pasmados somos com uma essência de oficina em redor
 de uma magnólia multicolor
 completa, extasiada de carne. poema como base inconcreta da criação.
 uma ciência não cabendo na estreiteza da fábula
 no gesto terno que não foi.

ruminante, encosto água à paisagem,
invado a luz por dentro
como as coisas primeiras.

estilo - afixação proibida

enlouquece na espiral

o ouvinte, às quatro da manhã quebrando a corpo

abortamento excessivo, estilo esférico.

nela, escavado e intelectual, o tópico amor/morte

a pensar no organismo, na solução do processus da vida

no pior do ser (louco).

os remédios são matérias que acabam

histórias, posições, lâminas,

desenhos semelhantes, orquídeas.

a televisão em pantanas:

bach, palavras mágicas, transformação da planície

às quatro da madrugada no meio do quarto.

abertura isolada no exercício.

a sociedade fechada ou aberta num esforço vital

para alcançar o estilo. a poesia está no símbolo.

gosta? tem medo?

empirismo da junção com semelhanças cativas:

tentativa trapezista da estética, nevrose obsessiva,

histeria o estúpido/o inteligente.

parcimónia definida na diferença que convém.

Paulo Dias

O CORO

o coro reuniu-se lentamente,
com passos dados meticulosamente e programados até à exaustão.
os mais baixos foram para trás dos outros para se ocultarem
e os mais altos ficaram à frente para não serem vistos.
ninguém olhou para ninguém,
ninguém falou com ninguém,
os próprios presentes pareciam não ter consciência do que se estava a passar.
alguém no meio do coro arrastou os pés ao de leve, outro tossiu.
dir-se-ia que um outro estalou os dedos.
e, apesar de terem cantado magnificamente, ninguém os ouviu.

Os cantos desta casa são espelhos amaldiçoados,
"Levanta-te e anda",
Levantamo-nos e rastejamos de volta ao pó

Não pertencemos aqui,
Aqui onde as árvores enterram os seus ramos
No chão, bem fundo, até atingirem o centro do planeta, e
Cantam-nos melodias de encantamento.
Como uma maldição ou uma dádiva ou ambas.

Vagueio por cidades perdidas, procuro
Porcos para afogar, almas para salvar, dar e tirar vida.

Na mesa de pedra as virgens estão atadas,
O sacrifício é o nosso passatempo e uma forma de satisfazer a nossa sede.

Pax mundi, bellum pararemus. Morituri me salutent.

Hordas, exércitos inteiros sob nenhum outro comando senão o nosso.
Sangue e ossos espalhados pelos campos.

Vendedores mortos e pregadores falsificados.

Viajamos em círculos, ficamos em círculos, a estrada não é senão uma,
O Reino é nosso e só nosso.

Pedro Fabião

A

Finalmente, eu tenho.

Eu, finalmente.

Tenho a obsessão.

Tenho. Eu.

A finalmente obsessão.

A. Tenho-a.

Obsessão. Obsessão.

O-b-s-e-s-s-ã-o. Finalmente.

O ente da fina sessão.

Eu final.

A obsessão mente.

Afinal eu...

Em movimento

- Estou talvez prestes a emergir
numa clareira talvez
dissesse eu
se soubesse.

Há um imenso espaço que perece
friamente no colo esquelético do tempo.
Por todo o lado aparecem os dentes
afiados desta mãe negra, como
um exército daninho no meu encaço.

Ouves a minha fuga à predação do tempo?

Os seus furões esquálidos avançam
onde eu respiro
ainda.
Seguro na mão uma qualquer peça da natureza,
uma flor inteira
brando contra o seu amplexo ofegante.

Entrincheiro-me numa insónia de vigília,
criando a flor nocturna
na minha mão, olhando-a furiosamente
até que as raízes cresçam por entre os dedos
como armas.

Espero apenas uma voz que me lamba os olhos
e me deite na noite
de uma ilha elevada
e eterna.

Inspira...
Expira...
Ops! E lá salta uma palavra!
Inspira...
lá entra um pouco do bafo divino
Expira...
lá sai um verso!
Inspira...
a erva nubla a mente...
Expira...
lá saiem abreviaturas explosivamente imaginativas
Inspira...
o suor do coração
Expira...
lá saiem combóios descarrilados de quadros significativos
Enfim...
Inspira...
o ar dos teus pulmões que o cérebro direcciona pela traqueia até às
pontas dos dedos numa
Expiração
que põe no leitor de olhos do avesso as ilusões das palavras
dioxidamente carbonadas.

FÍSICA

Esvoaçamos pela matéria,
pela verdade que não se vê ou sente,
numa escravatura infra-vermelha.
A verdade é verdade porque sim!
E encontro a liberdade ultra-violeta!

Entre equações e quarks charmosos,
electrões,
neutrões,
protões,
ões,
amb uma cadeira
uma cadeira serve para relaxar.

QUISERA FALAR-TE COM O DESEJO

Quisera seguir a seguir, a de
deleza com os olhos,
com o tacto da pele acanhada
milimetro a milimetro
e com os mãos de tocar e de sentir
os relevos
que me permitem existir.

Quisera falar-te
com outras línguas,
com o silêncio por exemplo,
mas se não me deixares
falar-te de vez em quando
rapidamente
com um olhar.

I

Encara em passa sovint

aquella flaire d'esperança
fregant-me el cor
i veig que tristesa i enyorança
són profunditats
que, tot i ser tremoloses,
les tenc molt arrelades
arran de l'ànima.
Inevitablement
sé que aquest cos espantadís
que som jo,
després dels voltors de desesperació
se li inflaran les venes d'estimera
perquè tu,
presència captivadora,
apareixeràs
com un estel fugaç
al somni de la meva realitat.

I

Ainda me passa às vezes

*aquele aroma de esperança
roçando-me o coração
e vejo que tristeza e saudade
são profundidades
que, ainda que sejam atemorizadoras,
as tenho muito arreigadas
pertíssimo da alma.
Inevitavelmente
sei que este corpo assustadiço
que sou eu,
depois dos abutres de desespero
insuflar-se-lhe-ão as veias de querer estimar
porque tu,
presença cativante,
aparecerás
como um cometa fugaz
ao sonho da minha realidade.*

IV

VODRIA PARLAR-TE AMB EL DESIG

Voldria resseguir la teva
bellesa amb els llavis,
amb el tacte de la pell accentuar-la
milímetre a milímetre
i amb les mans dibuixar i destriar
els relleus
que em permeten existir.

Voldria parlar-te'n
amb altres llenguatges,
amb el silenci per exemple,
però si no m'entens
hauré d'assaborir-te
escàpolament
amb una mirada.

IV

QUISERA FALAR-TE COM O DESEJO

*Quisera seguir e seguir ... a tua
beleza com os lábios,
com o tacto da pele acentuá-la
milímetro a milímetro
e com as mãos delinear e delimitar
os relevos
que me permitem existir.*

*Quisera falar-te
com outras linguagens,
com o silêncio por exemplo,
mas se não me percebes
tereí que te saborear
rapidamente
com um olhar.*

Enxertos

Entre inspirar e expirar

não há Tempo

Só o nada que todos procuram .

Origami de corpos barulhentos , inflamáveis

à espera da invenção do fogo .

Entre inspirar e expirar

Só as orações egoístas

se conseguem ouvir .

Passageiros cobardes que fogem

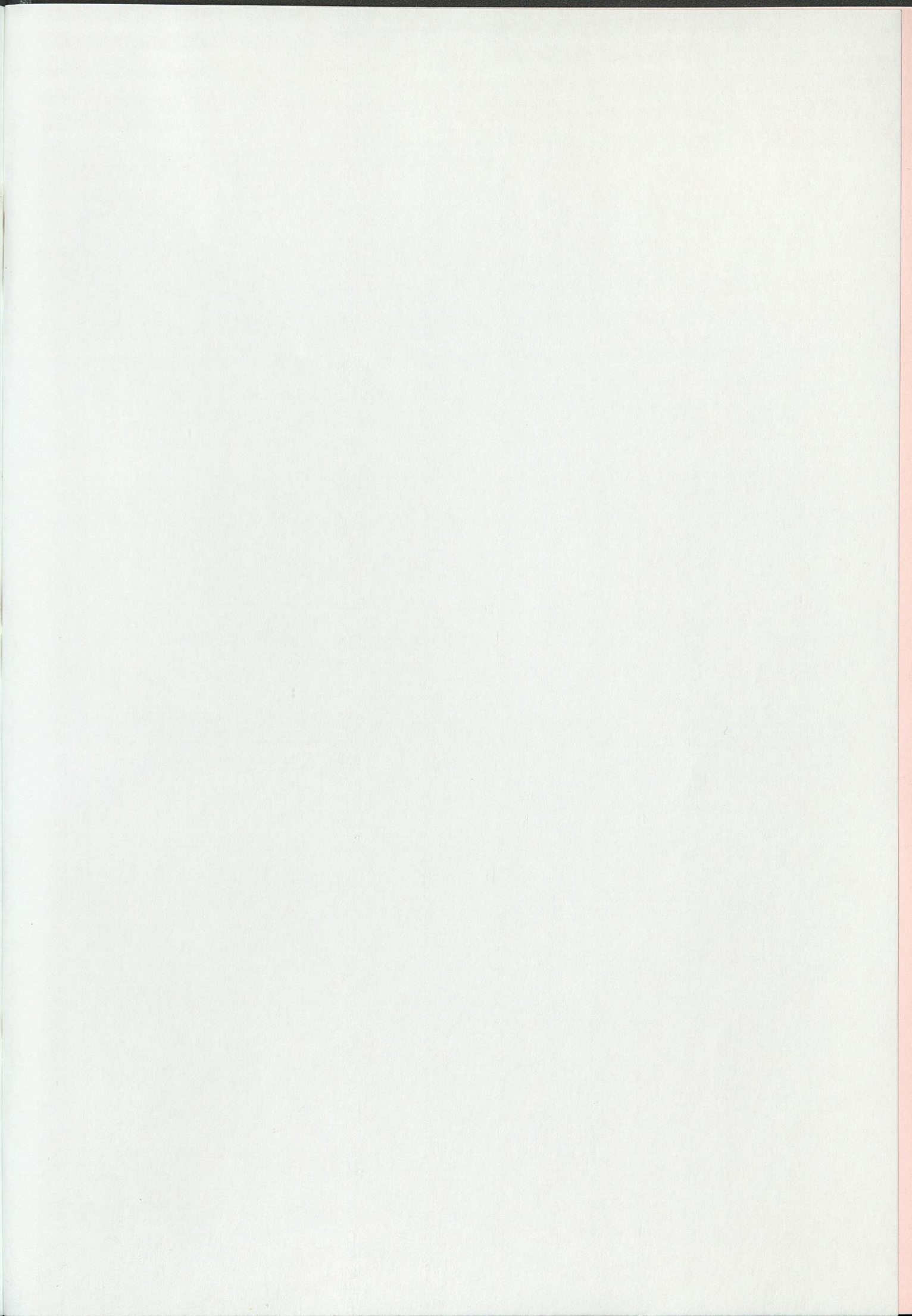
do comboio quando ele chega

mas estão sempre de malas feitas .

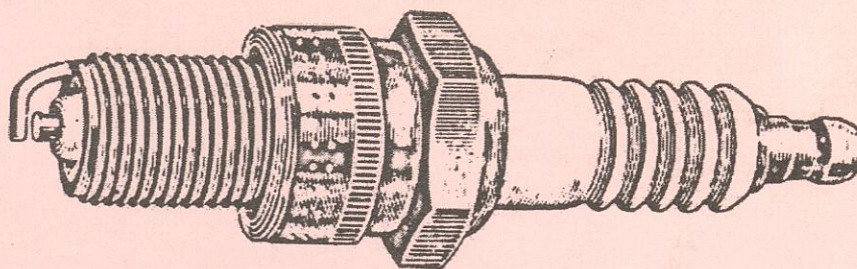
Entre inspirar e expirar

não há tempo nem coragem .









Mecânicos:

Alberto Sança
Alcina Marques de Almeida
Ana Braz
Anastácio Caraça
Andreia Rafael
Carla Branha
Carla Vaz
Carmela Umbro
Cláudia Morais
Cláudia Pinto
daniel matos
emiliana cruz
Filipe Cravo
João Rasteiro
João Viegas
Jorge Andrade
Luís Fazendeiro
Marisa Henriques
Natália Teles Nunes
Paulo Dias
Pedro Fabião
Ricardo Cabrita
Sebastião Sansó
Tânia João